

JORNAL: Correio da Manhã LOCAL: Quomabara

DATA: 19/07/1960 AUTOR: Jayme Maurício

TÍTULO: Em Defesa da Mostra do IBEU

ASSUNTO: Cartas ao Cronista

Correio da Manhã
19-7-60

2.º Caderno

Itinerário das Artes Plásticas

JAYME MAURÍCIO

CARTAS AO CRONISTA

EM DEFESA DA MOSTRA DO IBEU

Da sra. Leonídio Ribeiro, presidente da Comissão de Arte do Instituto Brasil-Estados Unidos, figura que merece por todos os títulos e pelo seu eficiente trabalho em favor das artes o maior apreço e respeito, sobretudo daqueles que também desenvolvem esforços no mesmo sentido, recebemos a carta abaixo que responde às restrições que fizemos à atual exposição do Palácio da Cultura, de brasileiros e americanos. Trata-se de mostra exaustivamente anunciada nesta coluna não só pelo interesse possível que teria, pela confraternização cultural, por assim dizer, mas também por ter a sua frente uma personalidade da categoria da senhora em questão. Lamentavelmente ficamos desapontados — e cumprimos o dever nem sempre agradável de informar aos leitores a respeito. Não quisemos "censurar" mas comentar, noticiar, apontando altos e baixos. É do ofício. Dona Marilu Ribeiro, entretanto, resolveu esclarecer certos detalhes e defender a exposição na qual teve papel preponderante. E nos honrou com os seus argumentos, sem dúvida alguma satisfatórios. Tomem os leitores conhecimento dos mesmos:

"Rio, 17-7-1960

Jayme Maurício

Com a finalidade de esclarecer a apresentação da mostra brasileira e americana ora no salão de exposições do Ministério da Educação censurada em sua coluna de 13 do corrente, torna-se necessário historiar os fatos que a determinaram. Tendo o I.B.E.U. recebido da "Contemporary Arts" e "American Arts Institute" o oferecimento de uma seleção de pintura norte-americana para se exibir entre nós à qual deveríamos juntar uma coletânea de quadros brasileiros para uma exposição conjunta no Rio e em São Paulo, apressamo-nos a dar os passos necessários para sua melhor realização. Uma comissão composta por John Gordon de Whitney Museum of American Art — Roy R. Henberger presidente da Federação Americana de Arte e V. C. J. Hamlin fundador e presidente emérito do Conselho Mundial de Museus, seria a garantia do bom nível artístico do que nos mandariam.

O I.B.E.U. reuniu uma comissão da qual fizeram parte Mário Barata — Wladimir Murinho — Vera Pacheco Jordão — Roberto Burle Marx — Quirino Campofiorito — para escolher os trabalhos nacionais. Sabendo de início que não viriam nomes como Kline, Pollock, Sam Davies, Hill, Tomlin etc., imaginamos que seriam artistas mais jovens, aos quais não poderíamos opor Partinari, Di, Segall, Guignard, Volpi, Abramo, Goeldi. Também ao termos notícia que as telas seriam em número de 83, verificamos não termos no momento local que abrigasse uma exposição maior que a que ora apresentamos. Fomos obrigados a reduzir o número de nossos trabalhos ao espaço disponível, apesar de para nós ter sido mais interessante poder incluir artistas como Inimá, Saldanha, Benjamin Silva, Clark, di Prete, Ione, Serpa, Ernani Vasconcelos, Raimundo Nogueira e tantos outros. Acresce que, entre o oferecimento da mostra e sua inauguração, tivemos apenas 2 meses de intervalo, o que é pouco para reunir uma coleção de trabalhos de artistas do Rio e São Paulo.

Dentro, pois, dessas circunstâncias, o critério adotado foi: não haveria programa,

a mostra se contentaria em exibir belas obras, de boa qualidade. Felizmente acreditamos ter conseguido alcançar nossa finalidade. E se tivéssemos dúvidas, a esse respeito, seu artigo nos teria provado o contrário. Porque, dos trabalhos expostos, em número de 54, foram por si consideradas boas "as remessas de Mabe, Vieira, Grassman, Nicolas, Fayga, Zaluar, Burle Marx, Lazzarini e mais um ou dois" (um número de 18 obras).

O motivo de censura à maioria das outras, isto é, não serem exibidas pela primeira vez, não lhes diminui o valor; de outro modo os museus perderiam sua razão de ser. Somente pois Iberê, Mohaly, Bonomi, merecem sua desaprovação. Por seu critério, o saldo é pois afirmativo a favor de nossa coletânea.

O resultado mais positivo porém de nosso esforço, é o de estar proporcionando numerosa frequência à exibição.

Por sua posição excepcional no coração da cidade, o salão do Ministério da Educação atrai um número elevado de visitantes. O interesse que a mostra tem despertado, assinalado no livro de presença é imenso. Verificamos que os trabalhos ali expostos, são inéditos para o grande público. São ali admirados pela primeira vez artistas brasileiros já conhecidos fora do país. Também quadros que figuraram em outras exposições têm sido ali vendidos — ateliers de artistas, visitados em consequência de trabalhos ali exibidos.

O objetivo do I.B.E.U. está pois plenamente alcançado. Dentro de seu programa de divulgação da arte, proporcionou um contato de numeroso público com obras de real valor, deteve o homem que passa para receber a mensagem do artista.

Agradecendo pois a oportunidade que nos deu de tornar públicas essas considerações sobre a mostra conjunta de trabalhos norte-americanos e brasileiros.

Aqui fico

cordialmente,
Marilu Ribeiro

(Presidente da comissão de arte do Inst. Brasil — E. Unidos)".

Progride o mercado de arte

PROFUNDAS MODIFICAÇÕES NA PETITE GALERIE

A Petite Galerie vai entrar numa nova fase da sua já longa e movimentada vida lançando algo novo: financiamento de obras de arte através do Banco Sotó Maior e seu presidente, sr. José Luiz Magalhães Lins, associado ao sr. José Carvalho, atual proprietário. Tudo será modificado — nada de folclores, artesanato, etc. Somente pintura, escultura, desenho e gravura. Tudo da melhor qualidade artística com severa seleção. Será feito um amplo reaparelhamento técnico e criado imediatamente um acervo. Após as expo-

sições do projeto de Sérgio Bernardes para o Aeroporto de Brasília e do lançamento da exposição de pinturas e desenhos do cronista de arte Pedro Manuel Gismondí e de sua esposa, Maria Cecília, a Petite será fechada para obras. Reabertura em outubro. Cogita a nova orientação, com Franco Terranova, amplo entendimento com aproximadamente uns 20 artistas em bases que desconhecemos.

Crece, pois, o crédito no mercado de obras de arte no Rio. O fato de um economista e um comerciante

da importância dos srs. José Luiz Magalhães Lins e José Carvalho investirem grandes importâncias na transação de arte moderna como se diz, dá bem a medida da segurança e desenvolvimento do mercado. Um bom sinal para os artistas. O plano de financiamento a ser desenvolvido pelo banco em questão, permitirá aos menos dotados de fortuna a aquisição de pinturas, esculturas e desenhos que dificilmente poderiam ter de uma só vez, considerando a alta que tais obras vão alcançando nestes dias.